

A GLOBALIZAÇÃO E A UNIVERSIDADE CATÓLICA

Urbano Zilles

Diretor da Faculdade de Teologia – PUCRS

A globalização levanta desafios ímpares às sociedades e aos Estados no século XXI. Não poupa as Igrejas, nem as universidades. Trata-se de um processo histórico-cultural, que, por um lado, reage à fragmentação do saber. A modernidade desenvolveu a exigência do saber especializado, criando a figura do especialista como pessoa que “sabe quase tudo sobre quase nada e quase nada sobre o todo”. Por outro lado, a especialização do saber é uma decorrência do próprio conceito de ciência, limitado a problemas definidos, objetivos, eliminando questões de tipo metafísico que indagam pelo sentido do ser como um todo. Por isso a globalização propõe estudos com abordagem interdisciplinar ou transdisciplinar.

A especialização despertou a consciência de que ninguém pode ser auto-suficiente. Precisamos uns dos outros, não só dentro de uma sociedade, mas uma sociedade precisa de outras sociedades. São as diferenças que nos podem enriquecer em todos os campos: político, econômico, religioso, sociocultural, tecnológico, ético, ambiental e pessoal. Enfim, a humanidade toma consciência de que a construção do mundo de amanhã não é tarefa de uma pessoa ou de um povo. Ninguém se realizará plenamente sozinho. A globalização é um processo multidimensional pelo qual a vida social e cultural nos diversos países do mundo é cada

vez mais afetada por influências internacionais múltiplas, em razão de injunções políticas e econômicas. Para alguns, o mundo de amanhã delinea-se como uma espécie de mercado financeiro, a partir da união de diferentes países e rompimento de todo tipo de fronteiras entre esses mercados. Para outros, é a integração crescente das empresas transnacionais, num contexto mundial de livre comércio com a possibilidade de empresas operarem simultaneamente em muitos países diferentes e explorar para si as variações nas condições sociais. Como é um processo em andamento, é difícil defini-lo. O que percebemos é o perigo de, sob o pretexto de uma globalidade, diferentes pontos de vista serem tratados da vista de um ponto.

As conquistas da tecnociência criaram um suporte para a interação rápida entre os povos em dimensões planetárias e interplanetárias. Nesse sentido, contribuem as inovações no campo da informação e da comunicação, motores importantes da globalização. As conexões via satélite e Internet reduziram os custos de transmissão e aceleraram a possibilidade do acesso a dados na velocidade da luz.

A expansão da tecnociência, os processos da informação e da comunicação e o comércio internacional contribuem para a integração global, provocando a concorrência, as trocas e a interdependência. Mecanismos complexos envolvem nosso planeta gerando redes de capitais, tecnologias e informações. Assim a globalização tornou-se um fenômeno multidimensional numa interação múltipla. As conseqüências desse fenômeno, chamado globalização, incidem em todos os aspectos da vida humana, determinando o papel e a função que os indivíduos e as estruturas desempenham.

O fenômeno da integração mundial apresenta vantagens e desvantagens. Coloca os setores produtivos em uma maior concorrência quanto à eficácia. A livre circulação dos bens, capitais e pessoas limita o papel dos Estados-Nação, na medida em que aderem e se submetem aos acordos internacionais. Nesse contex-

to emerge uma consciência global que rejeita situações incertas e imprevistas. Teoricamente esse processo permite que os povos do mundo inteiro participem das novas conquistas. Na prática, entretanto, é possível que aumentem as desigualdades no conhecimento da informação, excluindo pessoas e até países do acesso às novas conquistas da tecnociência.

Com relativa facilidade evidenciam-se os impactos positivos da globalização. Sua marcha parece irreversível. Entretanto, trata-se de um processo facilmente manipulável em favor dos detentores do conhecimento e dos recursos materiais, impedindo que os menos abastados usufruam de seus benefícios. Dessa maneira a globalização pode aprofundar e ampliar as atuais desigualdades socioeconômicas e culturais entre classes e povos.

O impacto do processo da crescente globalização repercute, não só no setor produtivo da economia, mas também do ambiente, da saúde e da educação, ou seja no conjunto da vida social. Por isso justifica-se uma análise crítica das influências, pressões econômicas, evolução de idéias e as preocupações sociais e ambientais para moderar o rumo da globalização de maneira equilibrada e humanamente responsável para a construção do homem no mundo de amanhã. Essa parece-me uma tarefa irrecusável para a inteligência crítica de hoje, de maneira geral, e, em particular, para os cristãos.

1 Impacto da globalização sobre o ensino superior

Em final do século XX, anunciava-se que a moeda forte do século XXI seria o conhecimento. Este ainda tem um lugar privilegiado na universidade.

A globalização, por um lado, insiste em valores tradicionais dessa instituição medieval: autonomia, liberdade acadêmica e pesquisa. Dentro das tendências de democratização da sociedade exige solução para a falta de acesso de um número enorme de estudantes e na escassez de recursos estatais para a manutenção

de maior número de universidades pelo Estado. Diante desse impasse, alguns defensores da globalização propõem a comercialização do ensino superior, criando universidades e instituições isoladas de ensino superior com fins lucrativos, pois os recursos governamentais são limitados. No passado defendia-se espaço para a iniciativa particular na educação, a fim de evitar o monopólio do Estado em defesa da liberdade do povo, oferecendo alternativas ao cidadão. Portanto, a argumentação era em defesa da liberdade dos cidadãos para escolherem a forma de educação para seus filhos.

Desde sua origem, a universidade era um lugar de ascensão social e de múltiplas relações internacionais. Muitos estudantes viajavam, já na Idade Média, para freqüentar universidades no estrangeiro. Professores eram convidados de outros países. Os países colonizadores da Europa, posteriormente, introduziram nos territórios conquistados a tradição ocidental na educação, implantando padrões institucionais dos países de origem. Entretanto, as universidades das colônias não dispunham dos mesmos recursos humanos e materiais que aqueles na Europa.

No final do século XX, as universidades passam por um novo processo de internacionalização, através do intercâmbio de estudantes e professores, a colaboração em projetos de pesquisa e do estudo de línguas estrangeiras. Começou a integrar-se o saber numa rede global com novos suportes da tecnociência. O inglês tornou-se a língua oficial da globalização.

A grande mudança é o papel do conhecimento no atual contexto de desenvolvimento econômico. É o motor do crescimento. E não podemos negar que, em fins do século passado, assistimos a uma extraordinária explosão dos conhecimentos em nível mundial. Isso foi possível, graças aos progressos rápidos das tecnologias de informação e comunicação. Com isso os novos conhecimentos se divulgam rapidamente em toda a parte do planeta. Nasce, assim, uma economia e uma política baseadas no saber. Ora, quem forma e qualifica a mão-de-obra para as eco-

nomias emergentes são as universidades. Daí o investimento em boas instituições de ensino superior e na educação qualificada dos jovens ser uma questão de sobrevivência dos povos do terceiro mundo. Não haverá bem-estar social desses povos sem a participação da inteligência crítica. Justificam-se, assim, políticas dos governos em investir na formação da inteligência jovem e na manutenção dos melhores cérebros em seus países para possibilitar o impulso ao crescimento sólido das sociedades.

Urge, contudo, uma atenção especial aos aspectos éticos. Não basta saber produzir bens materiais e espirituais, pois é preciso reparti-los, socializá-los. E esta é uma questão ética de responsabilidade social. Por outro lado, não podemos fazer tudo o que sabemos. O conhecimento é um bem sobre o qual repousa uma hipoteca social. Mas também poderá ser usado para explorar e dominar os semelhantes como nova forma de escravidão.

Nesse ponto, na era da globalização, as universidades dos países mais desenvolvidos levam vantagens expressivas sobre as do terceiro mundo. Têm acesso mais fácil às redes de informação. Por outro lado, têm melhores condições para a aquisição de novos conhecimentos através da pesquisa, instaurando uma concorrência em condições desiguais. Com isso surge o perigo de as universidades do terceiro mundo se tornarem apenas consumidoras dos novos conhecimentos, limitando-se a formar seus estudantes para atender às necessidades momentâneas da economia. As universidades do terceiro mundo, em geral, encontram-se mais limitadas em suas atividades de pesquisa devido à carência de recursos e à falta de visão de seus governantes. Nessa perspectiva, as instituições de ensino superior do terceiro mundo correm o risco de se tornarem vítimas da globalização, pois, sem uma ousada política de pesquisa, deixarão de ser agentes do desenvolvimento das sociedades nas quais estão inseridas. Faltar-lhes-á a função essencial para gerar novos conhecimentos e formar agentes competitivos, permanecendo consumidoras do que é produzido no primeiro mundo.

A missão tradicional da universidade passa a ser questionada pela globalização. Tradicionalmente diz-se que a missão da universidade é tripla: formação (ensino), pesquisa e prestação de serviços (extensão). Hoje, como em outras instituições sociais, as universidades procuram atender às exigências da tecnologia da informação de um ensino superior de massa. O critério essencial da sobrevivência das universidades torna-se, cada vez mais, a eficiência. Dessa maneira, valores que sempre foram considerados essenciais nos currículos passam a ser substituídos por habilitações e competências de cursos de formação profissional. O estudante passa a ser considerado como uma peça a desempenhar certas funções na sociedade, negligenciando-se a formação humanista e geral. Uma sólida formação de caráter geral e humanista possibilita aos estudantes aproveitar os estudos especializados e construir uma sociedade mais humana. Mas isso exigirá dos profissionais da área das ciências humanas, sobretudo da Filosofia, maior atenção para as mudanças no campo da tecnociência e das culturas. Seu olhar fixo em autores do passado impede-os, muitas vezes, de participar na construção do homem e do mundo de amanhã. Em outras palavras, dão respostas a problemas não-formulados hoje.

Enganam-se aqueles que admitem que a tecnociência, por si mesma, tornará este mundo mais humano e solidário, ignorando a questão ética, a política e a religiosa. Onde o homem rejeita a Deus como Pai, não há fundamento sólido para uma sociedade fraterna, pois o homem tentará usurpar o lugar de Deus para dominar sobre os semelhantes. Como mostram as grandes guerras do passado e as recentes, a razão científica pode degenerar em desumano irracionalismo. As ondas de violência por todo mundo, não excluindo a destruição das torres gêmeas de Nova Iorque, mostram como o conhecimento pode transformar o homem no lobo mais feroz para o próprio homem. Por outro lado, a racionalidade científica tem limites na própria natureza como pro-

va o recente maremoto no Sudeste da Ásia, sacrificando cerca de duzentas mil vidas humanas.

A relação entre as universidades do primeiro e do terceiro mundos não é simples. Os centros dos países desenvolvidos, como são os principais produtores e distribuidores de conhecimento no mundo, conseguiram impor suas normas e padrões a todas as universidades. Como dispõem de mais recursos, esses lhes garantem o controle dos processos de criação do saber. Dispõem de maior número de cientistas e pesquisadores *per capita*, com adequado suporte de técnicos, liderando seus países a pesquisa e a tecnologia mundiais. Os países desenvolvidos, hoje, produzem 84% da totalidade dos estudos científicos publicados e 94% das novas patentes. Assim as universidades do terceiro mundo tornam-se predominantemente consumidoras do saber, e cada vez mais dependentes dos centros acadêmicos dos países desenvolvidos.

Como poderemos sair dessa situação desconfortável?

Certamente um dos caminhos é a ampliação do intercâmbio de estudantes e docentes, através de programas de cooperação entre universidades, constituindo uma rede global de universidades. Mas não se deve esquecer que, para estar interligado em rede, também as universidades deverão dispor e empregar muito bem os recursos materiais e humanos, que são sempre escassos. Por outro lado, as universidades devem estar atentas ao aspecto humanista, ético, político e religioso na formação das novas gerações.

Em vista da desigualdade de condições, as oportunidades de cooperação também podem tornar-se uma ameaça. Estudando nos grandes centros do primeiro mundo, os jovens do terceiro mundo beneficiam, antes de tudo, esses centros. Há, ainda, o perigo de esses novos cientistas, terminada sua formação, não retornarem a seus países de origem. Como esses países deram apoio financeiro, ocorre, não só a fuga dos melhores cérebros,

mas também a transferência das reservas de tecnologias e recursos para os grandes centros.

A globalização causa um grande impacto sobre as universidades católicas, que, no terceiro mundo, via de regra são menos opção de estudantes e docentes que uma alternativa possível no acesso ao estudo e ao ensino superiores. Sendo o critério dessas instituições a eficiência, a globalização vincula o ensino quase exclusivamente à prosperidade econômica, ou seja, ao aspecto técnico e profissional. Passa-se de uma sabedoria intrinsecamente valiosa – da formação humanista e cristã – para uma informação orientada para o proveito material. Dando ênfase à formação global da pessoa como cidadã, a cultura humanista cede lugar à cultura da informação, limitando-se à sensibilidade do mercado. O ensino, pois é difícil falar em educação, torna-se uma mercadoria à venda. O critério passa a ser simplesmente a relação custo-benefício, tratando-se os estudantes como meros consumidores.

O impacto da globalização sobre os governos das universidades não é desprezível. Sem dúvida, muitas das atuais estruturas das universidades católicas terão que tornar-se mais eficientes e mais criativas para enfrentar os numerosos desafios lançados pela globalização e uma aplicação mais racional dos recursos disponíveis. Urge, pois, uma maior cooperação entre as universidades católicas do mundo inteiro. Mas tudo isso é insuficiente para formar cidadãos.

Uma visão exclusivamente materialista e individualista mostra que a realidade da globalização é ambivalente. Ela poderá marginalizar povos e culturas e condenar grandes parcelas da humanidade ao ostracismo. Não se trata de negar ou rejeitar a globalização, nem de aceitá-la de maneira acrítica. A tarefa das instituições de ensino superior católicas será de ponderar vantagens e desvantagens para a humanidade como um todo. É preciso enfrentar criticamente a questão: qual o sentido a ser dado a esse

processo de mudança? Quais os valores a serem preservados e cultivados?

2 A globalização e a missão da universidade católica

A Congregação para a Educação Católica e a Federação Internacional das Universidades Católicas (FIUC), 2004, publicaram um documento de trabalho intitulado *Globalização e Ensino Superior Católico*. Entre os temas abordados consta o das relações existentes entre globalização e valores cristãos no âmbito do ensino superior católico. Essa questão é central na missão acadêmica, para que essas instituições não se deixem arrastar pelo espírito mercantil que, hoje, caracteriza cada vez mais o ensino superior.

O documento citado destina-se aos que governam as universidades católicas, às comunidades acadêmicas, aos bispos e às Ordens e Institutos religiosos. Segundo o mesmo, a globalização deve ser analisada “como um fenômeno multidimensional em que estão sempre a interagir vários campos de actividade, de carácter, por exemplo, econômico, político, sociocultural, tecnológico, ético, ambiental e pessoal” (p. 11).

Muitas vezes as universidades católicas limitam-se a quererem ser universidades. Isso é fundamental. É uma condição necessária, porém não suficiente para fazerem jus ao nome. Mas cabe-lhes uma identidade e uma missão próprias. A encíclica *Ex Corde Ecclesiae* apresenta essa identidade nos seguintes termos: “Toda universidade católica, enquanto universidade, é uma comunidade acadêmica que, de um modo rigoroso e crítico, contribui para a defesa e o desenvolvimento da dignidade humana e para a herança cultural mediante a pesquisa, o ensino e os diversos serviços prestados às comunidades locais, nacionais e internacionais” (n. 12). Enquanto *católica*, deve “garantir de forma institucional uma presença cristã no mundo universitário perante os grandes problemas da sociedade e da cultura” (*ECE*, n. 13).

Deve preparar os estudantes “para testemunharem a sua fé perante o mundo” (ECE, n. 20). Devem renovar-se, pois nas grandes mudanças “está em causa o significado da investigação científica e da tecnologia, da convivência social, da cultural, enfim, está em causa o significado do homem” (ECE, n. 7).

Uma universidade certamente não é católica, porque tem algo como um centro de pastoral, com funcionários remunerados e celebrações litúrgicas como batismo e crisma, missas de formatura e algumas obras de assistência social. Isso as paróquias também oferecem e, por vezes, sob orientação de pessoas mais bem preparadas. Da pastoral universitária espera-se muito mais. Espera-se uma reflexão constante dos problemas da tecnociência e das culturas à luz da fé cristã. E isso pressupõe a colaboração e contribuição de teólogos e cientistas, de profissionais da área. Uma universidade também não se deve considerar católica simplesmente pelo fato de oferecer aos alunos uma ou outra disciplina religiosa específica ou até uma Faculdade de Teologia dedicada à *scientia fidei*. Aliás, é muito interessante ver como os administradores das universidades em geral desconhecem os próprios recursos humanos, empregando-os mal. Se uma empresa procedesse tão mal como a maioria das universidades na escolha de seus diretores e cargos fecharia em pouco tempo. Orientam-se por demais pela opinião dos amigos e bajuladores, perdendo de vista os interesses da própria instituição.

A pastoral e as disciplinas de cultura religiosa devem criar um espaço privilegiado para um diálogo proveitoso entre Evangelho, sociedade e cultura, ou seja, um diálogo permanente entre fé e sociedade contemporânea, entre fé e ciência e entre fé e cultura. É a oportunidade de os estudantes serem confrontados criticamente com problemas como a fragmentação do saber científico, a tendência a substituir a sabedoria pela simples informação quantificável e reduzir os valores aos bens materiais ou de mercado. Cabe à Filosofia e à Teologia uma vigilância crítica e uma competência acadêmica para apontar abusos na pesquisa ci-

entífica, mostrando a dimensão espiritual e transcendente do homem. Quando falta competência acadêmica nessa área, surge o perigo de fundamentalismos e simplismos.

As Faculdades de Teologia não podem ser ilhas dentro das universidades. Devem dialogar com a ciência e valorizar as culturas regionais. Sua missão é formar consciências e mostrar o sentido transcendental da vida e do mundo. As Faculdades de Teologia e Filosofia historicamente são a matriz da própria universidade. Eram o lugar por essência das discussões dos grandes problemas da sociedade, na Idade Média e nos tempos modernos, que pervadiam todas as Faculdades. Mas a Teologia deve ser aberta ao ecumenismo para dialogar com a diversidade de religiões e com o mundo contemporâneo pluralista.

Por outro lado, uma universidade católica tem a missão de não se contentar com críticas negativas, mas de contribuir com pesquisas e projetos sobre “uma nova ordem econômica e política, que sirva melhor a comunidade humana em nível nacional e internacional” (*ECE*, n. 32). A Igreja e a sociedade esperam dela que avalie “bem as aspirações como as tradições da cultura moderna, para torná-la mais apta ao desenvolvimento integral das pessoas e dos povos” (*ECE*, n. 45). Às instituições católicas incumbe estudar a globalização, ponderando suas possíveis conseqüências e quais os valores que a dinamizam.

O ponto de partida e a fonte de todas as normas, numa universidade católica, está na pessoa humana, na sua imanência e singularidade, mas também na sua transcendência. Diante dos desafios da globalização, ela não pode renunciar a valores fundamentais: família, dignidade do homem, justiça, solidariedade, caridade, esperança, respeito pela vida humana em todos os seus aspectos, respeito pelas diferenças. Por isso pondera as implicações éticas e religiosas de seus métodos e suas descobertas; reconhece a importância de uma perspectiva teológica na busca de um diálogo permanente entre fé e razão. É preciso dar à globalização um rosto humano, educando novas gerações para a solida-

riedade. As práticas assistenciais, as ações por ocasião do Natal, ou outras datas, podem ser úteis, mas não dispensam a responsabilidade dos educadores, sobretudo quando não passam de um apêndice da formação acadêmica. Facilmente degeneram em assistencialismo mais ou menos mascarado. É preciso formar pessoas solidárias.

3 Educação católica na globalização

A globalização não é um fato, mas um processo. Na área econômica significa a internacionalização, rompendo barreiras do comércio. Mas, esse aspecto não pode ser dissociado do cultural. A implantação de um *Mc'Donald* num país sempre significa intervenção na cultura do povo.

Quando falamos em formação, na perspectiva católica, compreendemos a interação entre diferentes elementos: a questão social, a identidade da instituição e a pedagogia de ensino e aprendizagem marcada pela experiência pessoal. A questão social e ética não é um acréscimo, mas deve estar presente desde o começo e durante toda a formação. Freqüentar e concluir um curso superior não deve ser visto apenas, no terceiro mundo, como um privilégio, mas sobretudo como uma responsabilidade social.

Para uma universidade merecer o título de *católica*, pressupõe-se que seja cristã e humana. E esses valores se manifestam ao acolher os estudantes, ao contratar e demitir os funcionários e professores. E aqui, infelizmente, muitas vezes se revela um abismo entre o discurso e a prática quanto ao respeito à dignidade da pessoa humana.

As universidades católicas são formas de ser Igreja. Contribuem para a missão evangelizadora da Igreja no mundo. Nelas deve haver espaço para diferenças. Sua mensagem deve ser ecumênica. Por isso deve ser um lugar de diálogo interconfessional.

Através da pesquisa e do ensino, a Universidade católica contribui para melhorar a vida da Igreja e da sociedade, desde

que tenha capacidade e competência. Deve ficar atenta aos problemas dos pobres, doentes, famintos e sem-abrigo, ou seja, a qualquer ameaça à dignidade humana, e explicitar criticamente princípios éticos e religiosos. Buscar a excelência científica e o progresso social não significa renunciar a princípios éticos e religiosos. Os jovens devem aprender a discernir valores e ser estimulados a assumir compromisso com a honestidade profissional, integridade, e a agir de acordo com princípios éticos.

A globalização provoca e estimula o desenvolvimento descontrolado do espírito mercantil no campo da educação. Esse espírito penetra na universidade mediante a encomenda de pesquisas, seduzindo pessoas através de financiamentos para interesses comerciais dúbios. Ora, o critério da instituição não pode ser simplesmente o recurso financeiro, mas o bem comum.

A pesquisa e o ensino desenvolvidos à luz da fé católica implicam “exame e avaliação do ponto de vista cristão, dos valores e das normas dominantes na sociedade e na cultura moderna, e responsabilidade de comunicar à sociedade de hoje aqueles princípios éticos e religiosos que dão pleno significado à vida humana” (*ECE*, n. 33).

A universidade católica só faz jus ao atributo, se cultiva o diálogo entre o pensamento cristão e a ciência moderna e a cultura dos diferentes povos. E essa é uma tarefa que requer profissionais competentes em cada uma das disciplinas, uma boa formação teológica para abordar as questões epistemológicas, com rigor, ao tratar da relação entre fé e razão. Seria irresponsável solicitar tal tarefa a docentes despreparados. Teólogos não se improvisam. E a Teologia cristã exige especialização em diversas áreas, como Exegese, Sistemática, História, Liturgia, Direito e Moral.

É missão da universidade católica contribuir para humanizar o processo da globalização na esfera da educação, orientando sua ação para a construção do cidadão de amanhã. Essa é uma tarefa que não se deve restringir a alguns apêndices extra-

classe. Nesse particular não cabe identificar a cultura com ciência, pois o conceito de cultura é muito mais amplo que o de ciência. A produção científica é essencialmente racional. Mas o homem não é só razão, e a razão humana é muito mais ampla que a razão científica. Ninguém consegue viver só de conhecimento científico. No dia-a-dia vivemos, sobretudo, da confiança, da esperança e do amor. E sem esses valores não há educação de cidadãos.

Na era da globalização, é fundamental o desenvolvimento humano sólido e integral e reconhecer a dimensão espiritual das diversas culturas. Para isso cabe incentivar intercâmbios para a formação de cidadãos responsáveis, capazes de atitude crítica frente aos desafios da globalização. Sem o respeito à dignidade da pessoa humana, não se desenvolverá uma cultura de paz, solidariedade, caridade, justiça, etc. Nesse sentido, o rigor das ciências deve ser complementado pelo cultivo da dimensão estética e artística com valorização da espiritualidade cristã. A contribuição das universidades católicas, para humanizar o processo de globalização, baseia-se na visão cristã do desenvolvimento integral da pessoa humana. Essa perspectiva, parece-me, permitirá um novo humanismo, pois é o fundamento de uma nova cultura da humanidade. Uma visão cristã do mundo não pode omitir a dimensão transcendente da pessoa humana nem esquecer a educação da consciência.